

Revista de Literatura,  
História e Memória



**Dossiê:**

Teatro latino-americano  
contemporâneo:  
memória e testemunho

ISSN 1983-1498

v. 18 – n. 32 – 2022

UNIOESTE / CASCAVEL - p. 69-79

## **DISCURSO SOBRE A NEGRITUDE E UMA TEMPESTADE: A LIBERDADE COMO PROPRIEDADE DISCURSIVA DO ENREDO CESAIRIANO**

*Discurso sobre a Negritude and Uma Tempestade:*  
freedom as a discursive property of the Cesairian plot

Rosilene Aparecida Froes Santos<sup>1</sup>  
Marcio Jean Fialho de Sousa<sup>2</sup>  
Rosana Fróes Santos<sup>3</sup>

**RESUMO:** Os discursos que permeiam a diáspora africana são construídos sob diversas perspectivas, encontrando-se e desencontrando-se, mas tendo como ponto em comum a conquista da liberdade. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo elucidar as relações entre Aimé Césaire e outros pensadores da diáspora africana, bem como refletir acerca das conjecturas

propostas por esse poeta a respeito da “Negritude”, identidade, colonialismo e liberdade. Para a estruturação deste texto, estabeleceu-se uma aproximação entre a obra *Discurso sobre a Negritude e Uma Tempestade*, ambas publicadas por Césaire, com vistas a analisar alguns pressupostos que embasam o discurso desse autor, a idealização e fortalecimento do movimento da “Negritude”. Ao revisitar alguns autores que marcaram esse movimento, dentre eles Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Léon-Gontran Damas, buscar-se-á elucidar o contexto histórico no qual se firmou as bases da “Negritude” e, por meio da aproximação entre história e literatura, refletir acerca da reverberação de tal movimento nas práticas colonialistas e racistas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aimé Césaire; “Negritude”; Re-enraizamento; Liberdade.

**ABSTRACT:** The discourses that permeate the African diaspora has been constructed from different perspectives, meeting and not meeting each other, but having the conquest of freedom as a common point. In this sense, the present work aims to elucidate the relations between Aimé Césaire and other thinkers of the African diaspora, as well as to reflect on the conjectures proposed by this poet regarding “Negritude”, identity, colonialism and freedom. For the structuring of this text, an approximation was established between the work *Discurso sobre a Negritude and Uma Tempestade*, both published by Césaire, in order to analyze some assumptions that underlie this author's discourse, the idealization and strengthening of the "Negritude" movement. By revisiting some authors that marked this movement, among them Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor, Léon-Gontran Damas, we will seek to elucidate the historical context in which the foundations of “Negritude” were established and, through the approximation between history and literature, to reflect on the reverberation of such a movement in colonialist and racist practices.

**KEYWORDS:** Aimé Césaire; “Negritude”; Re-rootedness; Freedom.

*A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história.*  
(Chimamanda Ngozi Adiche)

<sup>1</sup> Mestre, professora intérprete de Libras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: rosy.froes@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5037101775803724>.

<sup>2</sup> Doutor, professor da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: pcopmarciojean@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8382354881890616>.

<sup>3</sup> Mestre, professora de Libras da Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES. E-mail: rosa.froes@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3009095899263119>.

## AIMÉ CÉSAIRE: RE-ENRAIZAMENTO E IDENTIDADE

As narrativas que permeiam as lutas e revoluções, engendradas a partir da diáspora africana, são múltiplas e apontam para diferentes caminhos na chegada de um ponto comum, qual seja, a liberdade. Nesse contexto, o presente trabalho traz a tona uma das narrativas mais consolidadas na história da diáspora negra, a produzida pelo poeta, dramaturgo, ensaísta e político Aimé Césaire, que, com bases surrealistas, demarcou seu espaço de representatividade, juntamente com outros pensadores, ao instituir o termo “Negritude” no contexto da descolonização.

Aimé Césaire, assim como Léopold Sédar Senghor, Léon-Gontran Damas, Frantz Fanon, Jean Prince-Mars, Fernando Ortiz, dentre outros, nasceu em território marcado pela colonização, dessa forma o seu discurso é construído sob a ótica da constituição identitária, que tem como subsídio o retorno às raízes africanas, por meio do re-enraizamento.

Em 26 de junho de 1913, nasce em Basse-Point, na Martinica, Aimé Fernand David Césaire, em uma família sem prestígio financeiro, mas que investiu em seus estudos, o que o levou a ganhar uma bolsa de estudos no Liceu Louis Le Grand (Paris) na década de 1930, acontecimento que o aproximou de Léopold Sédar Senghor e Léon-Gontran Damas, resultando não só na sua percepção acerca da identidade, do ‘ser negro’<sup>4</sup> e dos processos de colonização, como também na criação das bases teóricas para o surgimento do movimento denominado “Negritude”.

Em 1934, funda, com Senghor e Damas, o jornal *O Estudante negro*, como instrumento de resistência à opressão cultural oriunda do processo de colonização francês e o apagamento da cultura africana, assim, é nessa seara que aparece pela primeira vez o termo “Negritude”.

[...] queremos explorar os nossos próprios valores, conhecer os nossos próprios valores, conhecer as nossas forças por experiência pessoal, cavar a nossa própria profundidade, as fontes eruptivas do humano universal, romper a mecânica identificação das raças, rasgar os superficiais valores, abarcar em nós o negro imediato, plantar a nossa **Negritude** como uma bela árvore até que ela traga os frutos mais autênticos (CÉSAIRE apud LOUIS, 2003, p. 42).

De forma cronológica, podem-se destacar alguns dos fatos que constituíram a vida de Césaire: Em 1937, casa-se com Suzanne Roussi, estudante também martinicana; em 1939,

---

<sup>4</sup> Utilizaremos o termo ‘ser negro’ em referência às especificidades que constituem a identidade.

retorna à Martinica com a esposa e passa a lecionar; em 1939, publica o poema *Caderno de um retorno ao país natal*, com forte crítica ao colonialismo e sua reverberação nas Américas, em especial na Martinica; em 1941, funda a revista *Tropiques*, que se torna território de construção de conhecimentos enraizados na ancestralidade martinicana e africana; em 1945 é eleito prefeito de Fort-de-France; em 1946, é eleito Deputado da Martinica na Assembleia Nacional; em 1947, cria a revista *Presenças Africanas*, onde aparece a primeira publicação de *Discurso sobre o colonialismo*; nas décadas de 1940 e 1950 leciona literatura para jovens martinicanos, tais como o romancista Édouard Glissant e o psiquiatra e escritor Frantz Fanon; em 1950, publica *Discurso sobre o colonialismo* que, segundo o prefácio escrito pelo angolano Mario Pinto de Andrade, tem como objetivo

[...] expor e, de caminho, pulverizar a falaciosa argumentação de grandes pontífices do saber <<universal>>. Abordando os mais diversos domínios culturais – literatura, política, etnologia, filosofia – ele revela e desmascara o racista que se ignora ou o moralista de generosas intenções colonizantes (ANDRADE, 1977 apud CÉSAIRE, 1977, p. 6).

Com discussões mais acaloradas sobre o anticolonialismo, identidade e retorno às origens africanas, em 1956, Césaire publica *Uma carta para Maurice Thorez*, na qual rompe com o partido comunista francês e, em busca de uma política com pressupostos africanos, em 1958, funda o Partido Progressista Martinicano; em 1969, publica *Uma Tempestade*, uma adaptação do teatro shakespeariano *A tempestade*, onde Césaire evidencia, por meio de analogias, o processo de colonização e a relação entre negros, mestiços e brancos; em 1987, publica *Discurso sobre a negritude*, obra que apresenta o conceito de “Negritude”, bem como sua perspectiva ideológica e prática; em 2008, aos 94 anos, o poeta Aimé Césaire falece por problemas cardíacos, no hospital universitário de Fort-de-France.

Em sua trajetória histórica, Césaire participou da terceira geração do pan-africanismo, juntamente com Frantz Fanon e Abdias do Nascimento, movimento anticolonial que endossa as bases da “Negritude”, e associou-se ao movimento surrealista, que impulsionou seus discursos sobre constituição da identidade a partir das raízes e de um mundo invisível a ser manifestado, nessas bases propõe a “Negritude” como uma revolução existencial.

Em seus pressupostos, o poeta em questão, institui a busca pela liberdade e a descolonização por meio de rupturas com as ideologias e práticas opressoras originárias da colonização da África, que persistem em existir e segregar o negro, reproduzindo as hierarquias estabelecidas no período colonial africano, bem como reforçando-as a partir da emergência do conceito de raça.

## **DISCURSO SOBRE A NEGRITUDE E UMA TEMPESTADE: REVOLUÇÃO E LIBERDADE**

A I Conferência Hemisférica sobre a Negritude: “Negritude, Etnicidade e Culturas Afro nas Américas”, realizada em Miami, entre os dias 26 e 28 de fevereiro de 1987, não só abriu espaço para visibilidade de diversas vozes da diáspora negra, como também possibilitou a revisitação do discurso de Aimé Césaire acerca da “Negritude”. O evento em questão foi convocado pelo escritor, pesquisador e cientista social Carlos Moore, com o objetivo de homenagear Césaire, assim, dentre outras falas, destaca-se o último pronunciamento desse poeta sobre aquele pensamento que seria o seu legado, intitulado de *Discurso Sobre a Negritude*.

Carlos Moore, no prefácio da obra resultante da I Conferência Hemisférica sobre a Negritude, ao afirmar: “NEGRO SOU, NEGRO FICAREI!” (CESAIRE apud MOORE, 2010, p. 7), evidencia o caráter de resistência que permeará a narrativa, bem como aponta para a discussão acerca da constituição de territórios que se concretiza a partir da consciência e da identidade enraizada na África.

O que vai ao encontro da obra *Uma Tempestade*, publicada por Césaire em 1969, constituída a partir da releitura do texto de William Shakespeare.

Nessa versão tem-se uma adaptação para o teatro negro e engajado, caracterizando-se pela forte atuação contra a discriminação racial, em defesa dos negros e de toda forma de opressão por eles vivida principalmente no que concerne a presença impertinente da figura do branco europeu em terras africanas (SILVA, 2015, p. 88).

O enredo de Césaire traz à tona os personagens shakespearianos, contudo embasados em relações raciais e de poder, podendo depreender que o enredo de *Uma Tempestade* pode ser visto como metonímia do sistema colonial, na qual Próspero representa o colonizador branco, Calibán o colonizado negro, Ariel o colonizado mestiço e Sycorax (mãe bruxa) como as raízes africanas.

Assim, ao pensar a constituição de territórios e identidades, pode-se destacar o personagem Calibán, escravo negro, e sua resistência ao processo de aculturação imposto pelo colonizador Próspero, “*Y bueno, lo siguiente: he decidido que no voy a ser más Calibán*”<sup>5</sup> (CÉSAIRE, 2011, p. 67), “*Cada vez que me llames, eso me va a hacer recordar el hecho*

---

<sup>5</sup> E bem, o seguinte: decidi que não vou mais ser Caliban. (Tradução nossa).

*fundamental, que vos me robaste todo, incluso mi identidad!*”<sup>6</sup> (CÉSAIRE, 2011, p. 69), com essa afirmação Calibán enaltece a necessidade de suas raízes para constituir a sua identidade e novos territórios, o que aproxima dos pressupostos de Césaire acerca da “Negritude”.

O movimento da “Negritude” idealizado por Césaire, juntamente com Senghor e Damas, teve suas bases na Revolução do Haiti (1791-1804), na qual os escravos negros rebelaram-se contra a colonização francesa, alcançando a independência de São Domingos.

Sobre a Revolução haitiana, cabe destacar o processo de apagamento que a permeou, as manifestações iniciais eram invisibilizadas pelos fazendeiros e administradores, para os quais “A resistência não existia como um fenômeno global. Pelo contrário, qualquer caso de inegável insubordinação, qualquer episódio possível de resistência era tratado isoladamente e esvaziado de seu conteúdo político” (TROUILLOT, 2016, p. 141), contudo, no seu desdobramento a revolução mostrou que “O que estava acontecendo em Saint-Domingue era, fosse qual fosse a definição que se adotasse, a maior rebelião escrava jamais vista e havia desenvolvido sua própria dinâmica” (TROUILLOT, 2016, p. 156).

Desse modo, a Revolução do Haiti ao reivindicar o direito à condição humana, caracterizou-se pela luta antirracista, anticolonial e anti-imperialista, elementos esses que serviram de alicerce para a estruturação da “Negritude”, que consiste em

[...] um dos mais revolucionários conceitos de luta social surgidos no Mundo Negro contemporâneo, tanto na definição dos contornos culturais, políticos e psicológicos da descolonização, como na determinação dos parâmetros de luta contra o racismo. Ela é, certamente, o conceito que mais positivou as relações raciais no século XX. Cristalizou-se como movimento político e estético específico na década dos anos de 1930, pela ação conjunta dos intelectuais Aimé Césaire, da Martinica, Léopold Sédar Senghor, do Senegal, e Léon-Gontran Damas, da Guiana (CÉSAIRE, 2010, p. 7).

A colonização imposta aos negros, por meio do tráfico negreiro e a escravização, deu origem à hegemonia ocidental, a partir de então se estabeleceu a categoria de raça e a ideia de civilização, elementos esses que passaram a orientar os debates sobre Cultura e Identidades. Nesse contexto, emergiu a ideia de Europa “branca”, Ásia “amarela” e África “negra”, como delimitação racial, essa categorização é representada por Césaire em *Uma Tempestade*, onde Próspero, Ariel e Calibán, correspondem, respectivamente, ao branco colonizador, o mestiço, que apesar de escravo, possui uma certa liberdade em decorrência da sua passividade, e o negro, que tem sua liberdade totalmente cerceada e vive em resistência. Em *Uma Tempestade*,

---

<sup>6</sup> Cada vez que você me chamar, isso vai me lembrar do fato fundamental, que você roubou tudo de mim, inclusive minha identidade! (Tradução nossa).

Caliban reage contra a amnésia cultural que lhe é imposta, buscando nos ritos, nas mensagens, nas músicas e crenças religiosas africanas o alimento de sua memória. Ariel, irmão de Caliban, representa o mestiço resultante dessa junção de diferentes raças caracterizado pela pacificação e pelo conformismo que lhe estabelecem uma posição privilegiada e confortável diante do novo que se impõe mas sem uma identidade racial e cultural definida (SILVA, 2015, p. 91).

Assim, a ideia de raça demarca espaços entre os seres humanos, sustentando as diferenças e as explicando, ou seja, reforçando e perpetuando as relações de poder entre brancos e negros. Acerca da noção de raças,

A Revolução Industrial e a emergência do Capitalismo industrial as transformariam numa ‘consciência/estrutura’ hegemônica planetária. Desse modo, [...] o chamado Mundo Negro nunca escapou da *noção de raça* definida fora dos seus domínios, sem a sua participação e sempre contra ele (CÉSAIRE, 2010, p. 9).

Como contraponto ao processo de racialização e escravização do mundo africano, e embasado nos pressupostos da Revolução do Haiti, Louis-Joseph Janvier e Hannibal Prince lançam as bases para o Panafricanismo e a “Negritude”, que ganha fôlego com o ativista político jamaicano Marcus Gurvey, o sociólogo norte-americano Willian E. B. DuBois, o antropólogo haitiano Jean Prince-Mars, dentre outros. Aimé Césaire ao absorver o legado de seus precursores passa a sentir-se

Fortalecido desse novo sentido de orgulho, que tomava não somente pelo conhecimento da contribuição ancestral, mas também pela aceitação honrosa da cor e dos traços fenotípicos diferenciais que o identificavam como ‘negro’, Césaire parte para a ação política contra o colonialismo europeu (CÉSAIRE, 2010, p. 14).

Césaire compreende que para o negro se encontrar ontologicamente é preciso recuperar o passado, ou seja, “[...] ao procurar o ‘eu’ no passado, o sujeito quer reorientar o porvir, autocorrigindo-se ou inflectindo no seu percurso, construindo uma utopia de si que espera poder cumprir” (MORÃO, 1994, p. 28), depreende-se, portanto que é por meio das raízes que o sujeito poderá compreender-se e constituir-se, o que corrobora o exposto por Stuart Hall, que a identidade do sujeito sociológico elabora-se a partir da “consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e auto-suficiente, mas era formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e

símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (HALL, 2006, p. 11).

Nessa perspectiva de re-enraizamento e protagonismo dos povos africanos, efetiva-se o *Pacto triunviral*, a fundação formal do movimento da “Negritude”, traduzido no poema:

*Minha negritude não é uma pedra, surdez  
arremessada contra o clamor do dia  
Minha negritude não é uma mancha de água morta  
Sobre o olho morto da terra  
Minha negritude não é nem uma torre ou uma catedral  
Ela mergulha na carne vermelha do solo  
Ela mergulha na carne ardente do céu  
Ela rompe o desânimo opaco com sua justa paciência* (CÉSAIRE, 2010, p. 16-17).

O poema de Césaire, expressa o sentimento do negro que foi oprimido brutalmente sem direito à voz e que desperta para a desalienação do seu mundo negro, assim a essência do movimento da “Negritude” constitui-se por assumir a noção de raça, para desmitificá-la e, por conseguinte, abolir o racismo.

Diante disso, a “Negritude” situa-se num terreno de ideias e práticas que trazem consigo a exigência ontológica do ser humano que tivera sua história apagada, nesse contexto a negação é substituída pela reafirmação de si, esse pressuposto aproxima-se da concepção de rizoma proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari, na qual o processo de construção do pensamento não se constitui por conceitos centralizados ou hierarquizados, pelo contrário, fazendo uma analogia entre pensamento e língua, sob a perspectiva do rizoma,

Podem-se sempre efetuar, na língua, decomposições estruturais internas: isto não é fundamentalmente diferente de uma busca das raízes. Há sempre algo de genealógico numa árvore, não é um método popular. Ao contrário, um método de tipo rizoma é obrigado a analisar a linguagem efetuando um descentramento sobre outras dimensões e outros registros. Uma língua não se fecha sobre si mesma senão em uma função de impotência (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 18).

De forma similar, a construção do pensamento encontra-se vinculado às diversas dimensões e registros, interiores e exteriores, que ao se entrecruzarem possibilitam a constituição do sujeito. Assim, a ideia de rizoma aproxima-se as bases da “Negritude” propostas por Césaire, Senghor e Damas.

Contudo, nessa trajetória em busca da identidade e liberdade da África e seus descendentes, Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, apesar de terem objetivos comuns, divergem quanto às práticas para alcançá-los, enquanto Césaire propõe a emancipação por

meio do confronto, a autonomia das colônias, o retorno às origens e a luta contra a alienação cultural, Senghor propõe a emancipação por meio da coexistência pacífica, a descolonização através da integração gradativa, a mestiçagem e simbiose, a mistura de raças e culturas e o voluntarismo político negro de caráter integracionista.

Essa divergência entre Césaire e Senghor, de forma análoga pode ser percebida em *Uma Tempestade*, uma vez que, os personagens escravizados, Calibán e Ariel, desejam a liberdade, mas a buscam utilizando estratégias diferentes, conforme pode-se perceber na fala de Ariel: “*Calibán! [...] pero después de todo somos hermanos, hermanos no sufrimiento y em la esclavitud, hermanos también em la esperanza. Ambos queremos la libertad, sólo nuestros métodos difieren*”<sup>7</sup> (CÉSAIRE, 2011, p. 76), enquanto Calibán busca a liberdade por meio da revolução e da resistência, Ariel a almeja pela passividade e submissão.

No contexto de re-enraizamento para a constituição da identidade, as ideias de Césaire têm como pano de fundo o negro como protagonista de sua própria história, assim a revolução torna-se o meio pelo qual a liberdade pode ser alcançada, ou seja, “A resistência ao **racismo** eleva o sujeito colonizado ao lugar de protagonista, devolvendo-lhe, com isso, a humanidade” (CÉSAIRE, 2010, p. 25), mas não é somente a consciência do colonizado que deve ser modificada, conforme Ariel, fazendo referência à consciência de Próspero: “[...] *hay que trabajar para darle una. Yo no lucho sólo por mi libertad, por nuestra libertad, sino también por Próspero, para que le nazca una conciencia. Ayúdame, Calibán*”<sup>8</sup> (CÉSAIRE, 2011, p. 81), no diálogo entre Ariel e Calibán fica evidente que a resistência para a construção da consciência humana do colonizado, necessita, também, reverberar na consciência do colonizador.

O percurso percorrido pela “Negritude” contou com vários percalços, dentre os quais se pode destacar a cooperação submissa de Senghor, então presidente do Senegal, com o neocolonialismo imperial, a sua imposição da “Negritude” única, o apagamento de Damas e Césaire, e o silêncio desse visto como aquiescência, contudo, “Seu silêncio formal chegou a produzir belos gritos de raiva, vestidos sempre de uma elegante roupagem poética que descrevia o drama do mundo negro e sua própria reação de revolta e insubmissão” (CÉSAIRE, 2010, p. 33).

Os gritos de Césaire reverberaram pelo mundo, e as propostas da “Negritude” ganhavam terreno, o que a consagrou como conceito e práxis social nas décadas de 1960 e

---

<sup>7</sup> Caliban! [...] mas depois de tudo somos irmãos, irmãos no sofrimento e na escravidão, irmãos também na esperança. Nós dois queremos liberdade, apenas nossos métodos diferem! (Tradução nossa).

<sup>8</sup> [...] você tem que trabalhar para dar-lhe um. Não luto apenas pela minha liberdade, pela nossa liberdade, mas também pelo Próspero, para que ele tenha consciência. Ajuda-me, Calibán (Tradução nossa).

1970. Dentre os movimentos originários da “Negritude” destacam-se o *Black Power*, nos Estados Unidos e o Bloco Afro Ilê Aiyê, no Brasil, que têm a Beleza Negra e o amor à África como bases de resistência. Diante do exposto,

*A Negritude* não é uma corrente estética passageira nem uma pretenciosa escola filosófica; muito menos ideologia ou religião. É, sim, uma *forma de consciência* oposta ao *racismo*; um *posicionamento ético e moral global* frente à racialização das relações humanas. Portanto, um *jeito de ser, de pensar, de atuar e de se conceber* frente à realidade concreta num mundo que, efetivamente, valora e hierarquiza as raças (CÉSAIRE, 2010, p. 37).

Já consolidado, mundialmente, o termo “Negritude” como movimento arraigado de teoria e prática antirracista, Aimé Césaire é homenageado no I Conferência Hemisférica sobre a Negritude: “Negritude, Etnicidade e Culturas Afro nas Américas”, em 1987, bem como é convidado a proferir um discurso revisitando o conceito de “Negritude”, por ele idealizado, e assim o inicia: “Mesmo que eu não o idolatre [o termo Negritude], ao vê-los todos aqui reunidos e vindos de países diversos, eu me confirmo que ele corresponde a uma realidade evidente e, sem dúvida, a uma necessidade profunda inegável” (CÉSAIRE, 2010, p. 107).

Continuando seu discurso, Césaire elucida que os negros formam uma comunidade particular, que compartilha entre seus membros a opressão sofrida, a exclusão imposta e a discriminação, mas que, apesar de tudo, é uma comunidade de resistência contínua, de luta pela liberdade e de esperança, assim, o sentimento que perpassa tudo isso é que fez brotar a “Negritude”, compreendida como

[...] uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente a outro, suas lembranças distantes, seus restos de culturas assassinadas (CÉSAIRE, 2010, p. 109).

Ao pensar a “Negritude” como movimento que evoca as raízes, as memórias para a constituição do ‘ser negro’, podemos retomar a ideia de Le Goff acerca da memória coletiva e sua função: “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 2003, p. 471), assim a “Negritude” enraíza-se na tomada de consciência do ‘ser negro’, propiciada pelas memórias, pelo re-enraizamento do sujeito em uma história.

Já finalizando o discurso, Aimé Césaire propõe uma aproximação entre os termos

Etnicidade e identidade, compreendendo-os como “o que dá a um homem, a uma cultura, a uma civilização sua forma própria, seu estilo e sua irreduzível singularidade” (CÉSAIRE, 2010, p. 112), com isso, depreende-se que, os termos em questão traduzem a essência da “Negritude”, bem como impulsionam as teorias e as práticas expressas por meio dos movimentos de resistência.

Césaire conclui seu discurso sobre “Negritude” conclamando a união: “Nosso engajamento só terá sentido se se tratar de um re-enraizamento e também de um desabrochar, de uma superação e da conquista de uma nova e mais ampla fraternidade” (CÉSAIRE, 2010, p. 114), é nesse viés que liberdade será alcançada, corroborando o último canto de Calibán, em *Uma Tempestade*: “!LA LIBERTAD AH, LA LIBERTAD!”<sup>9</sup> (CÉSAIRE, 2011, p. 153).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao revisitar a história de Aimé Césaire, revisita-se também a história da “Negritude”. Em seu último discurso, Césaire afirma não ter sempre gostado do termo em questão, idealizado por ele, sob a cumplicidade de outros pensadores, mas que ao ver a magnitude da I Conferência Hemisférica sobre a Negritude: “Negritude, Etnicidade e Culturas Afro nas Américas” confirma que a “Negritude” é uma realidade. O movimento idealizado por Césaire, sob a ótica do *Discurso sobre a Negritude*, tem como pressuposto a tomada de consciência embasada na memória, nas raízes, o que aproxima ao foco da narrativa *Uma Tempestade*, na qual o personagem Calibán, negro, sofre o processo de colonização e busca a liberdade por meio da revolta e do re-enraizamento.

A reflexão acerca de Césaire e as obras, que constituíram o *corpus* desse trabalho, evidencia, dentre as diversas perspectivas que marcaram a história da diáspora africana, a ideia do re-enraizamento e o retorno às origens para a constituição de territórios, bem como a valorização de suas especificidades culturais para o desenvolvimento de sua identidade.

Nesse sentido, os discursos produzidos por Aimé Césaire configuram, não somente uma teoria para a libertação dos negros colonizados, mas, sobretudo, as bases para a emancipação daqueles que sofreram a diáspora africana, tendo como pressuposto a retomada das origens como instrumento de luta contra práticas colonialistas e racistas. Assim, é nessa seara que Aimé Césaire e o movimento da “Negritude” têm suas histórias entrecruzadas, nas quais a liberdade configura-se como propriedade discursiva.

---

<sup>9</sup> A LIBERDADE AH, A LIBERDADE! (Tradução nossa).

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ANDRADE, Mário Pinto de. Prefácio. *In*: CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977.

CÉSAIRE, Aimé. **Uma Tempestade**. Com prólogo de Rocco Carbone e Leonardo Eiff . Buenos Aires: El 8vo. Ioco, 2011.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Carlos Moore (org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. Negrarias: Juventude negra e assimilação. 2013. *In*: LOUIS, Patrice. **ABCésaire**. Paris: Ibis Rouge, 2003.

CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o Colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Introdução: Rizoma**. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Texto extraído de Mil Platôs (Capitalismo e Esquizofrenia). Vol. 1 Editora 34, 1995.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5. ed. Campinas, SP: UNICAMP, 2003. p. 419-476.

MOORE, Carlos. Negro sou, negro ficarei! A negritude segundo Aimé Césaire. *In*: CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre a negritude**. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. p. 9-40.

MORÃO, Paula. O secreto e o real: caminhos contemporâneos da autobiografia e dos escritos intimistas. **Românica**: revista de literatura, n. 3, Biografia e Autobiografia, Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Cosmos, 1994.

SILVA, Francisco G. Andrade da. Choque de Culturas na obra “Uma Tempestade” de Aimé Césaire. **ContraCorrente**: revista de estudos literários e da cultura. n. 7. 2015. p. 85-95.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Tradução Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016.

*Recebido: 25/05/2022*  
*Aprovado: 13/12/2022*